

Euro-Atlântico:
Espaço de Diálogos
Isabel Maria Freitas Valente
Iranilson Buriti de Oliveira
(Coord)

VISÕES INTERDISCIPLINARES DA EUROPA E DO MUNDO:

uma experiência de convergência
disciplinar em homenagem a
Maria Manuela Tavares Ribeiro

Alexandra Aragão
Isabel Maria Freitas Valente
Dulce Lopes
(org.)

Editora da Universidade Federal de Campina Grande
Imprensa da Universidade de Coimbra
2019

“PENSAR A EUROPA. UMA PERSPECTIVA CULTURAL E POLÍTICA”, UMA VISÃO DESDE A ANTROPOLOGIA

João Figueiredo

Qual é a natureza precisa da crise de identidade que, nas palavras dos autores citados por Isabel Baltazar, parece assolar a Europa? Numa primeira abordagem, esta ‘crise’ pode de fato ser confundida com um déficit identitário, a “falta de Identidade Europeia” resultando de um ceticismo, generalizado no panorama pós-modernista atual, em relação a meta-narrativas capazes de cumprir uma função adunante e agregadora à escala continental. Se este primeiro diagnóstico correspondesse à única leitura possível da sintomática que assola hoje inúmeras das formações políticas estatais congregadas na ‘manta de retalhos’ europeia, um regresso às raízes greco-romanas e judaico-cristãs, em busca de uma espécie de refrigério ‘civilizacional’, poderia de fato constituir uma panaceia viável. Contudo, uma série de indícios põe a simplicidade desta primeira leitura em causa, apontando para respostas mais complexas à pergunta inicial.

Antes de mais, é importante notar que esta aparente ‘deflação’ identitária europeia tem lugar no seguimento histórico imediato de séculos de ‘inflação’ virulenta e agressiva do modo europeu de ser, pensar, e agir sobre o mundo, mediante a colonização, conquista e ocupação (direta ou indireta) de grande parte do globo terrestre. Hoje, dificilmente se encontra um afortunado recanto do planeta em que o legado do pensamento helénico e da tradição judaico-cristã não se faça sentir, ainda que ocupando uma posição dialética de claro antagonismo em relação a modos de existir e cosmovisões assentes em matrizes locais. Por outro lado, no seio da própria Europa, se escutarmos com atenção grupos que representam migrantes, internos ou externos ao continente, ou descendentes das mais variadas diásporas, são os indícios de hiperidentidade dos europeus, cristalizados em lógicas institucionais patológicas, como as do racismo sistémico e da cooptação clientelista

dos Estados por parte de governos populistas, que constituem um desafio à mais perfeita coesão da União Europeia, ou a um devir ‘civilizacional’ europeu mais consequente a um nível global.

Hiperidentidade inflamada ou crise identitária resultante da incapacidade de as elites atuais articularem um discurso capaz de evocar uma ‘ancestralidade’ comum? Atendendo ao teor de algumas das ansiedades expressas pelos cidadãos, em relação à degradação do meio ambiente, às alterações climáticas antropogénicas, à proliferação de guerras desumanas e ultra-tecnológicas na periferia imediata do Continente e ao impacto da mundialização dos sistemas de informação e de transações financeiras, depressa se torna claro que a quase totalidade destas preocupações decorre da rápida expansão inflacionária dos valores e da cultura ‘Europeia’, e não do seu ocaso ao nível global (onde não se fala hoje Inglês?). Que esta hegemonia não seja acompanhada por uma idêntica escalada dos meios militares capazes de possibilitar à Europa o impor de medidas coercivas ao nível regional ou global é um facto, mas este dificilmente pode ser contrabalançado através de um regresso aos Clássicos literários helénicos e latinos ou judaico-cristãos. Contudo, como Isabel Baltazar demonstra, inúmeros comentadores, académicos e pensadores de renome, analisam a presente situação chegando à conclusão de que um reforço da ‘identidade Europeia’ pode ser a resposta aos problemas que advêm da ‘contaminação’ da esfera global por elementos dessa mesma identidade. Como explicar este paradoxo, e o que podemos retirar de consequente da sua análise, para o avanço da discussão em curso?

A citação que Isabel Baltazar recolhe em *Herança e Futuro da Europa* (2009), de Hans-Georg Gadamer, proporciona-nos uma pista: o presente estado de coisas decorre “dos enormes avanços técnicos, estimulados pelo furor destruidor de duas guerras mundiais”, que tiveram como consequência a descolonização progressiva e arrancada a ferros de grande parte do globo terrestre, e finalmente uma tomada de consciência acerca do impacto profundo e complexo que a Revolução Industrial e a economia de plantação vieram tendo na própria base geológica e climatológica do nosso meio ambiente. Perante este fato,

Isabel Baltazar dá-nos a ler uma Europa “arrastada para o mundo e sofrendo a sua influência”, como se a nossa “casa comum europeia” tivesse um dia estado “afastada do mundo globalizado”. Contudo, uma interpretação contrária é bem possível: este foi o “mundo” que a Europa criou, e estas não são ameaças externas que agora sitiam o Continente, mas sim o fruto de um expansionismo secular, que ainda se encontra em curso, pois as antigas colónias de povoamento, dos Estados Unidos da América até à Austrália, ao Brasil e ao Canadá, são em grande medida herdeiras diretas das aspirações e ‘valores’ europeus.

Que não seja uma reconhecida platitude o facto de a cultura europeia ser uma poderosíssima força hegemónica ao nível global prende-se com a aceitação de uma separação entre a esfera da Cultura e a da tecnologia ou ciência que hoje é impossível manter. É precisamente esta separação artificial, que ainda grassa na academia e na vida intelectual europeia, entre a esfera rarefeita da Cultura e a do conhecimento técnico ocidental, que explica porque, apesar do último ser hoje hegemónico a nível global, tantas vezes o ocaso da primeira é lamentado como inevitável. É, portanto, impossível propor hoje um regresso aos clássicos greco-romanos sem ter em conta a crítica heideggeriana, segundo a qual o grande desafio que se coloca perante o ‘Ocidente’ decorre do abandono da concepção helénica de *techne* enquanto *poiesis*, a favor de um entendimento da tecnologia e do seu uso que favorece o entendimento da Natureza e dos seres humanos enquanto meros ‘stocks’ ou ‘reservas’ prontas a serem mobilizadas. Foi esta concepção pós-cartesiana de tecnologia que garantiu a expansão imperial e colonial da Europa e que, ao mesmo tempo, esteve na génese de grande parte dos desafios globais que hoje se colocam perante a humanidade (do aquecimento global às guerras pelo controlo de fronteiras ou de fluxos de recursos minerais raros).

Concluindo, será proveitoso partir da hipótese do ocaso cultural da Europa, enquanto explicação para os problemas que assolam o Continente? Tendo em conta o trabalho não só de críticos e teóricos pós-coloniais, decoloniais, feministas e pós-estruturalistas, bem como o testemunho de ativistas antirracistas e a favor dos Direitos Humanos, tal

‘eclipse civilizacional’ nunca se verificou. O que leva a Europa a entender as atuais ameaças globais como de alguma forma exógenas à sua ‘casa comum’ e a negar-se reconhecer nestas o seu cunho, é precisamente o fato de se manter um corte artificial entre a Alta Cultura, das Artes e Humanidades, e a tecnociência, cuja expansão global é inegável, e cujo impacto marca a nossa nova época geológica (o Antropoceno). Perante este cenário, o caminho que o pensamento de filósofos da ciência, como Donna Haraway, Bernard Stiegler ou Gilbert Simondon, ou antropólogos, como Anna Tsing, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, Philippe Descola ou Tim Ingold, parece apontar é o de um regresso ao confronto com os clássicos europeus que tenha em conta uma crítica da tecnologia ocidental, assente no reconhecimento da sua hegemonia global. Esta crítica, reconhecendo o impacto planetário da herança tecnológica europeia, poderia decorrer em paralelo e em conversação colegial com aquelas que estão atualmente em curso nos demais polos culturais regionais ao nível planetário (África Subsaariana, América do Sul, China e Sudeste Asiático, Oceânia e Subcontinente indiano), onde a articulação entre legados civilizacionais milenares e a tecnociência ocidental é o tema de análises e especulações fulcrais para o devir conjunto do nosso planeta.